

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, 42.^a edição.

Resenha por Valdir Borges¹

Início minhas palavras com as palavras finais, as últimas três linhas, do livro *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire, lançado no exílio de Santiago do Chile na primavera de 1968 onde afirma: “*Se nada ficar destas páginas, algo, pelo menos, esperamos que permaneça: nossa confiança no povo. Nossa fé nos homens, na criação de um mundo em que seja menos difícil amar*”. Isso mostra porque ainda na atualidade Paulo Freire figura entre as mais destacadas personalidades no campo pedagógico mundial.

O livro *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire escrito há quarenta anos permanece vigente dada as suas constantes re-edições no Brasil e no exterior e aos novos tipos de oprimidos que surgem a cada dia em nossa sociedade. Profecia esta explícita nas primeiras palavras de abertura do referido livro em que o dedica “*aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam*”.

Nessa frase se ouvem os ecos de sua intensidade ética, pois enquanto houver um oprimido nesta terra, o livro interpelará aos leitores, será atual, terá vigência.

O livro compõe-se de quatro capítulos, sendo que no primeiro, Paulo Freire, justifica a escolha do título *Pedagogia do Oprimido*, onde há uma clara e radical opção pelo oprimido, parte do ponto de vista dos Oprimidos, a partir da experiência histórica dos mesmos, o que denota para a década dos anos 1960 uma virada paradigmática, uma coragem política, uma visão profética e um forte grito ético desde a América Latina. Essa virada de paradigma é uma forma de reconhecer nos excluídos dessa terra uma superioridade epistemológica e científica, coisa até então, jamais vista em nosso continente, pelo menos, no campo da Pedagogia.

Isso constitui-se numa nova forma de construir a pedagogia, a partir da infraestrutura da base dominada o que coloca Paulo Freire não só como educador, mas como grande filósofo da educação do século XX, pelo modo revolucionador e peculiar de estabelecer as suas bases pedagógicas, arraigadas na experiência histórica de dominação a que formaram submetidos os nossos povos. Tarefa humanista e histórica de libertação dos nossos povos, comprometida com a práxis e a transformação da realidade opressora dos mesmos.

Paulo Freire ao justificar, *Pedagogia do Oprimido* desde a experiência histórica dos oprimidos, do grito dos oprimidos, nos abre caminhos para a mútua relação entre Ética e Educação, ou seja, a educação se fundamenta na ética. Não desejou, a princípio, elaborar uma ética propriamente dita, nem elaborar um discurso sobre a ética, porém seu trabalho de educador se volta para a práxis educativa e, singularmente, nela faz vingar uma ética. Este modo de conceber constitui-se numa ética pedagógica libertadora, cujo intento é produzir uma efetiva emancipação e um processo de tomada de consciência de nossos povos latino-americanos, marcados pela opressão, dominação e dependência.

A *Pedagogia do Oprimido* de que estamos discorrendo, está centrada na experiência, especialmente do oprimido, o qual deverá ser capacitado para extrojetar de

¹ Mestre em Filosofia, Doutorando em Educação e Pesquisador da Arquidiocese de Curitiba.

dentro de si e, por ele mesmo o opressor, a fim de resgatar seu ser livre, construtor e sujeito de sua própria história. É dizendo a palavra que o ser humano se faz ser humano. O que podemos depreender é que sua Pedagogia é acima de tudo uma Antropologia, pois leva o ser humano a humanizar o mundo e, de modo consciente, construir a sua própria história de sujeito autônomo que conquista a sua forma humana. Além da implicação da Pedagogia com a Antropologia, a Ética está totalmente implicada, pois é a capacidade de indignação contra toda injustiça e formas de opressão logo a ética não pode afastar-se da prática educativa.

No segundo capítulo expõe sobre a concepção bancária de educação como instrumento de dominação, os seus pressupostos e sua crítica.

A principal crítica que Freire faz ao modelo de educação vivido nos anos em que escreve a sua obra é que a educação bancária considera apenas o educador como sujeito, pois o educando será somente “depósito” receptor de conteúdos, memorizados ingenuamente, mecanicamente sem a devida participação e dialogicidade, própria de um processo de ensino-aprendizagem, onde educadores e educandos aprendem e ensinam, mediatizados pelo mundo.

Outra crítica a esse modelo “bancário” de educação é que se mantém e estimula a contradição educador-educando. Eis algumas dessas contradições: o educador é que educa, sabe, pensa, diz a palavra, impõe a disciplina, opta pelos conteúdos e métodos, é a autoridade é o grande protagonista e sujeito do processo; enquanto os educandos são educados, na sabem, são pensados, só escutam docilmente, são disciplinados e seguem tudo o que foi prescrito, não são ouvidos, devem adaptar-se às determinações, ou seja, são meros objetos do processo. É uma espécie de desconfiguração do caráter histórico e da historicidade, próprias da existência humana.

No terceiro capítulo da referida obra, Freire explica que a dialogicidade é a essência da educação como prática da liberdade. O diálogo deve estar presente em todos os momentos do processo ensino-aprendizagem, da busca e opção pelos conteúdos, métodos, temas geradores e seus significados até as relações homens-mundo.

No esforço de esclarecer bem o tema do diálogo, essencial à prática educativa em Paulo Freire, citaremos algumas frases de Pedagogia do Oprimido.

“Quando tentamos um adentramento no diálogo como fenômeno humano, se nos revela algo que já poderemos dizer ser ele mesmo: palavra. Mas ao encontrarmos a palavra, na análise do diálogo, como algo mais que um meio para que ele se faça, se nos impõe buscar, também, seus elementos constitutivos” (FREIRE, 2006, p. 89).

Aqui o diálogo revela-se como a essência da educação, sendo a dialogicidade um convite constante para o repensar e o refazer das nossas práticas pedagógicas centradas na formação integral da pessoa, vividas e experienciadas na temporalidade histórica. Ao pronunciar a palavra, pronunciamos o mundo e nos fazemos humanos e é na força da palavra que se concentram nossa ação e reflexão.

“O diálogo é uma exigência existencial”;

“Não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens”.

“O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu” (FREIRE, 2005, p.91).

É somente através do diálogo cujo “fundamento é o amor” (FREIRE, 2005, p. 92), que também é diálogo será possível ensaiar o inédito viável e construir uma pedagogia ética, política e social, baseada na crítica, na conscientização e na liberdade, reagindo contra todo tipo de opressão ainda vigente em nossas sociedade.

Conclui o seu livro estabelecendo uma crítica radical à teoria da ação antidialógica, centrada na necessidade de conquista e na, ação dos dominadores, que

preferem dividir para manter a opressão, deixar que a invasão cultural e a manipulação desqualifiquem a nossa identidade. Após tal crítica, apela e interpela-nos com um convite a unir para libertar, através da colaboração organização que nos conduzirão à síntese cultural, que considera o seu humano como ator e sujeito do seu processo histórico.

Demos muitos passos no campo pedagógico nestas quatro décadas, porém não temos tantos motivos a comemorar neste 4.º aniversário de Pedagogia do Oprimido, pois o número de oprimidos e excluídos da terra foi incrementado. Agregado a isso, novos tipos de exclusão e opressão estão surgindo em nosso continente, onde a educação ainda não é centro das atenções e dos investimentos das políticas públicas.

Vinte e cinco anos depois, em “Pedagogia da Esperança” (1992), Paulo Freire faz uma retrospectiva da sua caminhada pedagógica e nos desafia a ensaiar o inédito viável, que é o inédito possível.